

Editorial

Tete: Um paraíso ilusório

A cidade de Tete foi, na semana passada, palco de um seminário sobre a indústria extractiva, na sua vertente da capacidade dos cidadãos acederem à informação útil sobre os desenvolvimentos à sua volta.

Com o relançamento da actividade de exploração de carvão mineral na região de Moatize, Tete transformou-se no principal centro de atenções sobre os contornos da indústria extractiva em Moçambique. E dividem-se opiniões sobre os benefícios que surgem da exploração de carvão em Tete para o conjunto da economia de Moçambique.

Uma das questões que surgem com muita recorrência é sobre que benefícios a exploração de carvão traz para a população local, havendo alguns que chegam mesmo a dizer que os mesmos são nulos. Houve, durante a reunião, quem chegou ao extremo de sugerir que Tete fosse transferido para um outro lugar, para deixar a população local em paz.

Pode ser um exagero, pois não haveria como concluir que um recurso tão valioso para alimentar indústrias em várias partes do mundo não traga benefícios para os seus próprios donos. Mas é uma expressão extrema que revela a subtilidade de uma indignação generalizada, e que não pode ser ignorada.

Esta controvérsia deve ser analisada a partir da perspectiva de que a exploração mineira é uma actividade altamente especializada, e realizada por especialistas formados na matéria. Logicamente que a deslocação daquela indústria para Tete deve trazer consigo alguma razoável expectativa de se poder resolver o problema do desemprego, particularmente entre a camada jovem, que representa a maioria da população.

Mas esta expectativa esbarra-se com a falta de pessoas habilitadas para a realização de actividades especializadas da indústria mineira e outras afins. Esta mão-de-obra deve ser trazida de outros pontos do país, e até mesmo do estrangeiro, incluindo dos três países com que a província de Tete partilha fronteiras, nomeadamente o Malawi, a Zâmbia e o Zimbábue.

Esta situação conduz, inevitavelmente, a tensões sociais cujo impacto não pode ser menosprezado. É correcta a asserção de que os recursos existentes em Moçambique devem servir a todos os moçambicanos, e não apenas aos naturais das regiões onde eles se encontram. Contudo, deve ser compreensivo o ressentimento e a frustração dos naturais residentes nessas regiões quando eles se sentem emulcados do processo de exploração desses recursos.

Tete tem a característica particular de ter sido uma das províncias mais afectadas pela guerra que se desenrolou no país durante os primeiros 16 anos da independência. Com três fronteiras ao seu redor, parte significativa da sua população encontrou nos países vizinhos local seguro para se refugiar.

Com o fim da guerra, a maioria desses refugiados regressou às suas zonas de origem, ou na pior das hipóteses encontrou um segundo local de refúgio na periferia da cidade de Tete, dado o elevado nível de destruição de infra-estruturas sociais registado nas suas zonas de origem.

Muitos destes jovens de entre os antigos refugiados não tiveram qualquer oportunidade de formação quer durante a sua vida como refugiados quer depois do seu regresso a Moçambique. A sua maioria são hoje chefes de família, sobrevivendo à margem da economia formal, e sem beneficiarem de qualquer estrutura de apoio que lhes permita tirar benefícios do efeito em cascata resultante dos grandes desenvolvimentos que ocorrem à sua volta.

Se a indústria mineira que está a nascer em Tete é uma actividade de longo prazo, talvez faça sentido tentar encontrar formas de garantir que ela consiga absorver uma considerável parte da sua mão de obra a partir da população local. Isto não deve, de forma alguma, significar que as portas sejam fechadas para pessoas provenientes de outras regiões. Significa, simplesmente, ter a capacidade de antever, e debilitar o potencial de explosão social que poderá resultar da marginalização de gente que sabe que está rodeada de riquezas das quais não extrai absolutamente nenhum benefício.

Uma das formas de minimizar esse potencial explosivo seria através da instalação na região de instituições de formação técnico-profissional, oferecendo cursos de curta e média duração, permitindo assim a produção de técnicos de vários níveis que possam, a curto, médio e longo prazo serem absorvidos pela indústria mineira em desenvolvimento.

CARTOON



LUCAS

A Talhe de Foice

Machado da Graça

Um verdadeiro milagre

A presença de membros do governo, nomeadamente o Primeiro-Ministro, no acontecimento Dia D, da Igreja Universal do Reino de Deus causou surpresa e descontentamento em muitas pessoas, até mesmo aqui no SAVANA.

No meu caso o descontentamento foi profundo, principalmente por Aires Ali ter afirmado que lá estava "em nome de todos os moçambicanos", segundo me disseram. Ora eu não passei procuração ao sr. Primeiro-Ministro para me representar num tal acto. E creio que, nas minhas circunstâncias, estarão muitíssimos moçambicanos.

Já a surpresa não foi nenhuma. Desde que aquela seita chegou a Moçambique, a sua ligação ao Partido Frelimo tem sido profunda e permanente.

Não podemos esquecer que a IURD, quando se instalou entre nós, ocupou os 3 andares superiores do prédio onde está instalado o Comité Central do Partido Frelimo. Coisa espantosa por todas as razões, incluindo a segurança, mas que aconteceu. Dizem-me que, ainda hoje, estão instaladas no terraço desse prédio as antenas da rádio e da televisão dos universais reinadios.

E, a partir daí, a IURD e o Partido/Governo têm-se dado como Deus e os anjos, como se costuma dizer. Em que a IURD toma para si o papel de Deus e o Partido/Governo o dos anjos.

Ainda em Junho a IURD publicou em alguns jornais páginas de publicidade em que se podia ver uma enorme fotografia de um serviço político/religioso em que um

pastor rezava por Armando Guebuza e, ao seu lado, 11 pessoas carregando, cada uma, uma grande foto do Chefe de Estado.

Também não há muito tempo, quando estive em Moçambique o dono da IURD, o bispo Edir Macedo, foram publicadas nos jornais outras páginas de publicidade, com fotos, numa das quais está o dito bispo Macedo abraçado ao Presidente da República, ambos muito sorridentes.

O facto de, já nessa altura, o bispo estar acusado, perante a Justiça brasileira de uma série de traficâncias criminosas, não parece ter incomodado minimamente o seu parceiro de foto.

É verdade que, uma vez por outra, tem havido sombras nesta tão grande amizade. E uma delas foi quando o Município de Maputo recusou à IURD a autorização para construir a sua catedral na av. Julius Nyerere, num dos locais mais nobres da cidade. Não sei mesmo se essa recusa não terá contribuído, de forma significativa, para que o Dr. Eneas Comiche não tivesse sido apresentado, de novo, como candidato da Frelimo ao município, nas eleições seguintes.

Portanto, só se surpreendeu com a presença de membros do governo naquela feira dos milagres, quem anda distraído com estas coisas.

Curioso, no entanto, foi terem escolhido Aires Ali, que suponho islâmico, para representar o Partido/Governo naquela coisa. E, mais curioso ainda, ele ter aceite.

Isso sim um verdadeiro milagre.

SAVANA

Registado sob número 007/RRR/DNI/93

Propriedade da

mediacoop SA

Conselho de Administração:
Fernando B. de Lima, (Presidente),
e Naitá Ussene

Direcção, Redacção, Publicidade e Administração:

Av. Amílcar Cabral nº1049 • C. P. 73
Telefones: +258 21301737/327631, 82-3171100 e
84-3171100 Fax: +258 21302402 (Redacção)
82 3051790 (Publicidade/Directo)

e-mail: savana@mediacoop.co.mz (Redacção)
admc@mediacoop.co.mz (Administração)
Internet: www.savana.co.mz;
NUII: 400109001

Delegação na Beira:
Prédio Aruângua, nº 32 - 1º andar, Ap. A
Telef.:/Fax: +258 -23 - 327956/7 • C.P. 15
e-mail: media.beira@teledata.mz

Director: Kok Nam

Editor: Fernando Gonçalves

Coordenador da Redacção: Francisco Carmona

Redacção: Fernando Manuel, Salane Muchanga, Emídio Beúla e Raúl Senda,
Fotografia: Naitá Ussene (Editor) e Joel Chiziane (e-mail: foto@mediacoop.co.mz);
Colaboradores permanentes: Machado da Graça, António Cabrita, Carlos Serra, Luís Guevane, João Mosca, Paulo Mubalo (Desporto) e Isadora Ataíde. Secretariado: Emília Banze; Maquetização: A.S.M.; Revisão: Gervásio Altener Nhicalate; Publicidade: Benvidina Tamele; (btamele2000@yahoo.com.br);
Distribuição: António Moiane; Distribuição via e-mail (PDF): Miguel Bila (medialax@mediacoop.co.mz); Impressão: CEGRAF - Maputo - República de Moçambique